

SEGUNDA PARTE: A PESQUISA

1

Especificidades do trabalho de campo

Segundo o antropólogo Da Matta (1981), um trabalho de campo nos faz mudar nosso ponto de vista, alcançamos uma nova visão do homem e da sociedade, em um movimento ambíguo, que tanto nos leva para fora de nosso mundo quanto nos traz mais para dentro dele. O pesquisador, então, não se situa em parte alguma fora do mundo observado e pesquisado, pois sua observação já é parte integrante desse objeto.

Durante muitos anos, os pesquisadores estiveram somente preocupados em sistematizar seus dados de pesquisa, sem se interessar pelos aspectos mais “românticos” dessa prática, que revelariam o lado mais humano, assumindo a subjetividade do pesquisador, além das influências e atravessamentos mútuos sofridos junto com seu objeto de estudo. Talvez por medo de que se revele o quanto pode ir de subjetivo nas pesquisas, como se isso denunciasse pouco rigor.

“Tal como a hermenêutica dos mitos e a contemplação estética, a obra aberta da compreensão do existir humano necessita ser participação, transmutação e exercício da liberdade.” (Augras 1978:96)

Todavia, o que acontece num trabalho de campo é o homem como sujeito que pretende conhecer, entender e significar o homem como objeto. E é exatamente nesse ponto que se encontra toda dificuldade, peculiaridade e beleza de um trabalho de campo. O ser humano é essencialmente o ser que busca o saber e especialmente o saber sobre si próprio. Ele procura sentidos e, assim, acaba criando sentidos. A significação de uma obra será dada

sempre e somente por aquele que se relaciona com seu objeto. Sendo assim, como identificar o estranho se a estranheza não estiver em nós? Ou melhor, como compreender o outro sem nele nos incluir?

Neste trabalho se buscou, acima de tudo, interagir com o objeto, para então construir um saber. Um conhecimento específico que se deu através de uma relação entre pesquisador e “objeto pesquisado”, da qual ambas as partes saíram modificadas. Dessa forma, vale colocar que o significado dado à moda “*Clubber ou Raver*”, como uma linguagem e forma de comunicação da contemporaneidade, só existirá através do recorte e das lentes dos óculos do pesquisador, que já são por si só paradigmáticos. A visão que será explicitada é refratária como o próprio campo, além de ambígua e contraditória como os próprios discursos dos sujeitos. O depoimento de uma das entrevistadas, ao final de um encontro, talvez explicita bem o que foi discutido acima.

“Eu acho maneiro este lance de entrevista e falar abertamente sobre isto; até com uma psicóloga fazendo terapia porque você acaba percebendo coisas. Porque falando você acaba vasculhando arquivos da memória. Lembrando de coisas que fazia e nunca tinha parado para pensar no por que, não tinha por que parar para pensar. Nossas roupas são parte de nossas vidas, algo que nos constituiu.” (A: estudante, 18 anos)

Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico a respeito de questões como moda, subjetividade, identidade, consumo, corpo e socialização na contemporaneidade para fundamentar o trabalho de campo. Foram realizadas 11 entrevistas com jovens, entre 17 e 34 anos, que se vestem com a moda *Clubber e Raver* ou que freqüentam festas *Raves* nas grandes metrópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Sabemos que um dos maiores questionamentos do pesquisador gira em torno da fidedignidade assim como representatividade de sua amostra. Era importante deixarmos claro para os entrevistados quem éramos e o que estávamos buscando nesta pesquisa. E, embora nenhum dos entrevistados

tenha pedido sigilo, foram utilizadas apenas as iniciais de seus nomes e as idades para identificá-los. Foram observados os cuidados necessários na transcrição dos discursos dos entrevistados, para que depois de agrupados não perdessem seu sentido original.

Os locais das entrevistas variaram. Tanto aconteceram na casa dos entrevistados como na rua. E importa dizer que um dos entrevistados (A.T.) não se veste nos mesmos padrões dos demais, mas é um freqüentador da cena e talvez por isso tenha um discurso mais elaborado ou distanciado dos outros, como veremos a seguir. Outro entrevistado que vale a pena ser comentado é (D), um DJ, que difere dos outros não somente pela estética mas também pela faixa etária.

Entrevistado	Sexo	Idade	Profissão
J	F	21	Estudante de PSI
A	F	18	Estudante do último ano do Segundo grau.
G	F	23	Vendedora
M	F	17	Estudante do último ano do Segundo grau.
GL	M	18	Estudante do último ano do Segundo grau.
V	F	29	Comerciante
P	F	22	Estilista e DJ
L	M	23	Produtor Cultural
AT	M	25	Publicitário
AL	F	17	Estudante do último ano do Segundo grau.
D	M	34	DJ

As entrevistas, que seguem um pequeno roteiro, foram gravadas e depois transcritas. Esse roteiro servia somente para nortear o entrevistador,

abordava questões relacionadas à ideologia da cena, socialização, sexualidade e drogas, entre outras, que surgiam espontaneamente, como, por exemplo, “democracia” e preconceito nessa “tribo”. Obviamente, as perguntas delimitavam de certa forma o campo, mas havia sempre a preocupação de deixar o entrevistado solto, livre, para dizer o que quisesse. Além das entrevistas, foram feitas observações de campo em mercados alternativos (MMM), na Skolbeats 2002 (maior festa *Rave* da América Latina), na galeria Ouro Fino, na Boate ALÔCA, em São Paulo, e também nas ruas.

As entrevistas foram depois relatadas em forma de texto. É importante dizer que o mais difícil foi decidir o que privilegiar e depois relacioná-lo com a teoria estudada.

As falas serão agora entendidas como teias de significados em textos paradoxais. Vale destacar que os temas foram escolhidos a partir das respostas dos sujeitos, sendo, portanto, temas que tratam desse sujeito atual que usa a moda “*Clubber ou Raver*” como uma forma de se comunicar. Importa expor também que o texto será por vezes fragmentado devido ao objeto a que ele se debruça.

Vamos então às roupas, quer dizer, aos textos dessas roupas:

*“Então, a primeira resposta que penso no por que destes sujeitos se vestirem assim é: não sei. Só chegando num cara deste e perguntando : Qual é a tua? Você se veste assim por quê? Você está querendo dizer o que com isto?”
(AT, 25 anos)*